

Nélida Piñon

Por Leonardo Alexander
do Carmo Silva*

Carioca, filha de galegos, Nélida Piñon nasceu em 1937 e estreou na literatura, com os primeiros contos, aos 22 anos. Em mais de cinquenta anos de carreira, a autora publicou obras importantes, com destaque para *Fundador* (1969), *A Casa da Paixão* (1972), *A Força do Destino* (1977) e *A República dos Sonhos* (1984), traduzidos para diversos idiomas, incluindo o francês. Em 1996-1997, foi a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, no ano do seu primeiro centenário. Nélida Piñon ganhou diversos prêmios importantes, dentre eles o Prêmio Jabuti e o Prêmio Príncipe de Astúrias, tendo sido o primeiro escritor de língua portuguesa a receber esta última distinção. Autora de uma obra monumental, Nélida Piñon é considerada uma das maiores vozes da literatura brasileira contemporânea.

* Doutorando em literatura brasileira no Centre de recherches sur les pays lusophones da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3, dedica-se à pesquisa: “L’expression érotique du sujet féminin dans la fiction brésilienne au tournant du XXIe siècle”. Entrevistou Nélida Piñon em 24 de março de 2015.

Leonardo Silva – A senhora foi uma presença importante no Salão do Livro de Paris, tendo participado de diversas mesas, debates e conferências, e revelou-se uma exímia oradora. Para a senhora, falar de literatura é tão bom quanto escrever?

Nélida Piñon – Eu penso que escrever é outro estágio. É uma responsabilidade eterna porque segue o seu tempo de vida. O que você escrever vai ser a sua condenação futura ou a sua redenção futura. Vai dizer qual foi o seu papel aqui na Terra, como escritora brasileira, como autora de língua portuguesa. Quando eu falo, hoje em dia, eu percebo que me dá um enorme prazer porque não tenho medo de errar. É como se eu estivesse conversando em casa com amigos. Não preciso de me preparar. Sou toda uma mulher que tenho um ofício de vida inteira. Penso a vida inteira. Piso o terreno da literatura ao longo dos anos, então eu tenho que estar preparada. Eu adicionei cada vez mais, com os anos, esse prazer sim, atualmente um prazer recheado de histórias, porque eu não contava muito antigamente tudo o que eu vinha fazendo. Agora, recheio muito a minha narrativa oral com fatos que dizem respeito a mim e dizem respeito a todo universo que conheço muito bem. Enfim, acho que combino o saber literário, a poética da existência com a experiência que eu tive com a vida dos outros.

A senhora adora contar histórias. Não é por acaso que Homero e Sherezade são grandes referências na sua obra. A senhora sempre foi uma grande ouvinte de histórias e uma leitora voraz?

Havia uma revistinha, *O Tico-Tico*, que era um clássico, um livrinho para crianças e tinha uma página chamada “Gavetinha do saber”. O que eu fazia com 6, 7 anos? Arrancava a página, pedia que alguém costurasse (não havia grampeador) e dizia assim: “Tia Celina (ou a tia que fosse), me sabatina? Vê se eu sei tudo?”. Tinha que perguntar: “Quem foi Cleópatra?” Eu contava todas as histórias: a famosa viagem de barco, a festa, o jantar famoso que ela ofereceu a Marco Antônio, tudo. Então, eu ia aprendendo que a vida é uma narrativa e que você dá provas da sua existência à medida que você conta. Eu tinha um bordão. Eu dizia “me conta mais”, porque tudo que me contavam era insuficiente. Eu sabia que havia mais desde que eu arrancasse da pessoa. Porque a pessoa, o narrador, tem que se sentir orgulhoso. Ele tem

que ter a sensação de que o outro dá a sua vida para ouvi-lo. Porque o outro sabe que a história não é de quem conta, é de quem ouve.

A senhora manifesta um grande interesse em escutar as pessoas que estão ao seu redor. A senhora é, de certa forma, mediadora das histórias que chegam ao seu ouvido?

O outro me interessa muito. Entrei hoje num táxi, por exemplo, e consegui arrancar do taxista uma declaração de amor lindíssima para os filhos. E ele fez uma declaração de amor lindíssima para os pais. Não tinham dinheiro, mas deram o bem mais precioso: amor. Eu disse: “Mas o que senhor está dizendo é a minha história.” Porque eu sempre digo: eu sou a mulher que sou, porque fui muito amada. Não fui mimada no pior sentido. A minha mãe teve uma combinação extraordinária. Paixão por mim até o final da sua vida. Eu fui o grande amor da vida dela, sem dúvida, tinha adoração por mim e disciplina. Ela um dia disse assim: “Minha filha, você vai ser uma grande escritora?” E eu disse: “Não sei, mãe”. Ela disse: “Porque escritora pequenininha eu não gostaria não. Eu queria que você fizesse um texto pra valer, não é para ficar só pra ser aplaudida não, um texto importante, minha filha.” Mas vou te contar uma história importante, foi um marco na minha vida. Tinha meus seis anos e ela disse assim: “Minha filha (e eu nunca me esqueci) você é uma menina muito inteligente (eu fiquei toda contente), mas (o *mas* me liquidou um pouco e fiquei esperando), minha filha, você fala mal.” Eu não sabia qual era o significado de falar mal. Eu não sabia. Aí ela disse: “Sabe o que que é falar bem? Falar bem é mostrar para as pessoas, enquanto você fala, tudo o que você pensa.” Interessante. Aquilo me impressionou.

Sua obra é constituída basicamente de livros de prosa. No entanto, ao ler seus textos temos a impressão de que senhora é também poeta.

Sou. Também acho. Eu não preciso da poesia. Nunca precisei da poesia. Eu tenho a liberdade e a visão poética do mundo e uso as palavras como me convém e sem medo de pô-las juntas, independente de um resultado semântico. Então, eu acho que eu tenho essa natureza poética, esse arfar, essa respiração poética e ponho isso tudo a serviço

do que mais eu gosto, a prosa. Eu acho o mundo romanesco excepcional, é o que conta mais a história da humanidade, a meu juízo.

A senhora acha que o romance é, dos gêneros literários, aquele que pode tudo?

Sim, se você souber controlá-lo. Senão ele vai te dar um tabefe, um tapa. Se você pensa que pode fazer tudo sem consequências, é um equívoco. Você pode fazer tudo, mas tendo em pauta um ordenamento. Inicialmente põe tudo no papel, porque você sempre tem a possibilidade de quando terminar cortar, organizar de outra forma; não deve, por um falso apreço pela perfeição, eliminar aquela matéria que saiu do seu substrato.

A senhora tem o costume de retrabalhar seus textos, modificá-los, à procura da palavra ideal, da expressão certa?

Muito. Faço 6, 7, 8 versões. Às vezes, aparentemente para um leitor está pronto. Mas, para mim, não. É como se as frases tivessem um rosto, o rosto da estética, eu tenho que buscar esse rosto. Eu não posso me conformar com a deformação do rosto. A sensação que eu tenho é que eu sofro um dilema, uma situação de conflito, porque se eu corrijo demais, corro o risco de asfixiar o texto e torná-lo artificial. Ora, isso eu não quero porque mata a sensibilidade do texto, a paixão do texto, a desordem que o texto tem que propiciar, a multiplicidade de leituras.

A senhora está sempre em busca da beleza?

Da beleza ou da eficácia. Aquela frase que ajude a restaurar o mundo. Acho que é isso: por preguiça ou por urgência, não quero dar o livro por terminado. Agora, há o momento em que eu sei que terminei e que eu não asfixiei o livro. O livro guarda até aqueles traços ligeiramente melodramáticos, às vezes, que eu acho que têm uma função extraordinária.

A senhora mostra em seus textos e na sua fala um amor absoluto pela língua portuguesa. Imagino que escrever em português foi uma escolha importante, já que, devido a sua ascendência galega, poderia ter optado pelo espanhol.

Foi. Eu acho que quando mais menina (porque eu estava muito bem com o sentimento da língua espanhola), poderia ser para mim o espanhol. Mas o português é, para mim, a grande referência. O português, para mim, é meu avô, é minha avó, é minha família, é meu país, é, agora, meus cachorrinhos, meus amores todos. Tudo o que eu sou é a minha língua, é a língua portuguesa.

A senhora se sente lida e apreciada no Brasil?

Não.

É algo que a preocupa?

Não. Lamento, mas não me preocupo. Não me preocupo porque cada vez mais me estão lendo e entendendo quem eu sou. Mas eu acho que sofri sempre preconceitos.

De que ordem?

Mulher, independente, nunca fui tutelada por grupos. Nunca quis. Sempre fui uma mulher que andava *al aire*, como se diz na Espanha. *Al aire*, solta, estudante, eu fui uma eterna estudante, desfrutei sempre de uma liberdade esplendorosa, paguei um preço sempre muito alto pela minha independência estética, minha independência política, de tudo. Sempre fui muito cedo uma feminista.

O que a senhora acha do rótulo de “escrita feminina”?

Não quero isso. Eu quero lidar com a humanidade sem divisões, sem departamentos estanques. Tenho que assumir a condição de mulher, de homem, de animal, de pedra, de vegetal. Porque revestindo-me de todos esses estados, eu frequento qualquer cor, qualquer alma, entendeu? Porque vou escrever como mulher, se eu posso escrever como escritor? Tanto que eu acho que o Madruga da *República dos Sonhos* é um personagem masculino redondo. Eu tenho vários personagens masculinos. Eu quero ser uma escritora que se compromete com a carne humana.

Qual foi a importância para a senhora de ser a primeira presidente mulher da Academia? A senhora sente que quebrou barreiras?

Quebrei. Espantou o mundo, não só no Brasil. E, sobretudo, por-

que dizem que eu fui altamente competente. E além do mais, fui a presidente do primeiro centenário. Organizei as grandes festas nacionais e internacionais, eu fui senhora de tudo. Eu trabalhava de 8 a 10 horas, sem salário. Por amor. Amor à cultura, amor à instituição, eu me apaixonei pela instituição.

Qual a importância da Academia Brasileira de Letras para o Brasil?

Fundamental para a história brasileira. Tem razão de ser. Surgiu numa época de empobrecimento brasileiro. Um país pobre. Foram os jovens que inventaram isso: queriam um país melhor para eles. Iam novamente continuar com aquela penúria cultural? Então, eles sonharam um estilo francês, sabiam da França, sabiam da existência de uma Academia Francesa fundada por Richelieu e eles, de repente, disseram: “Por que não fazemos isso no Brasil?” Mas eles sabiam que não tinham força pra isso. Então foram buscar, entre outros, Machado de Assis, que é o maior gênio da raça, e Joaquim Nabuco, grande pensador brasileiro, abolicionista. O jovem que não sonha é uma redução de vida, mas ele também tem que sonhar não pensando no benefício dele, mas pensando no país.

A senhora já mencionou, em diversas ocasiões, que Machado de Assis é uma de suas grandes paixões. O que ele significa para a senhora?

Além de apaixonada, sou grata. Como é que aquele brasileiro, mulato, “nego velho”, o que você queira, um mestiço autodidata, como é que ele pôde? Para mim, ele é um paradigma. Como é que pôde alcançar essa perfeição? Ter aspirado tanto? Ter feito um país literário? Ele fez do Brasil uma metáfora imensa, extraordinária. Para mim, não tem ninguém como Machado de Assis. Uso uma frase e você vai me permitir que eu repita: “Não tem outro melhor.” Para mim. Vindo da minha boca, da minha gruta vocal. Se Machado de Assis existiu, o Brasil é possível. O Brasil não tem como recusar. Quando eu chego na Academia, no pátio, tem uma estátua de Machado de Assis e sempre converso com ele. Chego: “o senhor vai bem?”, mas com respeito, nada de você. Comentei isso e algumas pessoas ficam esperando eu chegar para ver como é a minha paradinha com Machado: “O senhor vai bem? Meus respeitos.”

Para senhora, qual é a importância de ter suas obras traduzidas e publicadas na França?

Olha, eu acho que a França ainda é um país de grandes irradiações. É uma referência, tem muito prestígio intelectual e você vê que ainda há grandes intelectuais na França.

O Salão do Livro de Paris, do qual a senhora participou e que teve o Brasil como país homenageado, apresentou uma grande diversidade de autores, com a presença de muitos jovens escritores. Como a senhora vê o cenário da literatura brasileira atual?

Vejo como um momento importante. Só desejo que essa nova geração que está tendo uma oportunidade não desconsidere os mais velhos. O que acho que está havendo é que os jovens escritores com talento estão deslumbrados com o próprio talento e com a ascensão que está havendo. Mas eles têm que levar em conta que eles prosseguem uma tradição. Não uma tradição anacrônica, a tradição que se moderniza ao longo da história. É muito importante você reverenciar os mais velhos, porque os mais velhos são o que você vai ser.

A senhora manifesta uma fé inabalável na literatura. O que pode a literatura? E mais, o que pode a literatura hoje?

Não sei hoje, porque talvez o tempo dê uma resposta mais adequada, mas acho também que se a literatura hoje ou no futuro vir a sua atuação reduzir-se, significa que fizemos a opção pela barbárie, pelo empobrecimento cultural, por consagração, não a consagração da primavera, da música, mas a consagração da banalidade, do vulgar. Ou seja, entregamos nosso destino a quem quer mandar em nós, nos comandar. Eu sempre achei que a literatura tem o dom de nos transformar, não é pegar em armas, nada dessas coisas, mas ela tem o dom de nos transformar. Ela é uma varinha mágica, ela toca nosso coração, toca nossa cabeça, ela é parte definitiva da nossa memória.

A senhora acha que toda literatura é, de alguma forma, engajada?

Não como se entende a palavra, mas ela estabelece uma ponte entre quem escreveu e o leitor. Uma ponte que não termina nunca mais de ser construída porque alcançou aquele leitor e aquele leitor passa

para outro leitor, passa para outra geração. Porque um livro supostamente de qualidade não pertence a uma só geração. Ele se alastra. Essa maravilha do *Dom Quixote* ser lido em inglês, ser lido em chinês, ou seja, a grandeza não se detém, ela é contínua.

Qual é sua relação com a sua obra, já bastante consagrada? A senhora tem o sentimento de missão cumprida ou “de quero fazer mais”?

Hoje, tenho um sentimento de que fiz alguma coisa. Quero continuar enquanto estiver viva, porque não me vejo parando de criar, de pensar. Se o amor cessasse, eu estava ótima, já fiz. Mas, como meu amor pela literatura não cessa, continuo ainda pensando. Criar, para mim, é um mistério excepcional. Então tenho que ser parte desse mistério, tenho que continuar escrevendo, enquanto eu estiver viva.